



# DROPS DE SEMÂNTICA: DE ONDE VIERAM E PARA ONDE VÃO AS ÂNCORAS?

---

YURI PENZ\*

---

## RESUMO

Este trabalho se propõe a discutir os fundamentos de uma ferramenta semântica atualmente muito discutida em teoria e análise linguística, sobretudo na Semântica de Mundos Possíveis, notadamente as âncoras ou a noção/processo de ancoragem em si. Tratando-se de um *squib*, três seções muito sucintas compõem a sua arquitetura, sendo: a) caracterização do problema, identificando o surgimento da noção de âncora na literatura; b) relevância dessa ferramenta no cenário lógico-linguístico, associando-a a duas outras propriedades de caráter semântico, neste caso i) deslocamento e ii) *aboutness*; e c) desdobramentos e perspectivas acerca desse recorte, sugerindo alguns *insights* advindos da descrição de dados do português brasileiro, sobretudo em relação aos fenômenos de i) operadores-monstros e ii) atitudes proposicionais.

**Palavras-chave:** *aboutness*, deslocamento, modalidade, operadores-monstros, atitudes proposicionais

## ABSTRACT

This paper intends to discuss the cornerstone of a currently very relevant semantic tool regarding theory linguistic and analysis, specially for Possible Worlds Semantics, namely the anchors or the notion/process of anchoring. As a *squib*, three quite brief sections compose the architecture of this paper: a) characterization of the issue, identifying the rise of anchors on literature; b) this tool's relevance on logic-linguistic scenario, associated to other two semantic properties, notably i) displacement and ii) *aboutness*; c) unfolding perspectives regarding this topic, suggesting some insights from Brazilian Portuguese description data, mainly concerning the phenomena of i) monsters-operators and ii) propositional attitudes.

**Keywords:** *aboutness*, displacement, modality, monsters-operators, propositional attitudes

---

\* Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. Doutorando em Letras, e-mail: penz.linguistics@gmail.com.

## 1 DE ONDE VÊM AS ÂNCORAS

Para a Semântica Formal, sobretudo uma Semântica de Mundos Possíveis como aquela proposta por Kratzer (1977, 1981, 1991, 2013, 2018), a ferramenta de ancoragem é mencionada primeiro por Hacquard (2006)<sup>1</sup>, em sua tese de doutoramento, como proposta descritivo-explanatória mais adequada à determinação de sabores modais.

A abordagem de Hacquard seleciona eventos, em vez de mundos possíveis, como argumentos, mapeando modais de acordo com a sua localização ancorada na espinha da derivação sintática, uma abordagem que de certa forma unifica de maneira mais harmônica os argumentos sintático, semântico e pragmático no debate em torno da distinção gramatical e contextual que modais epistêmicos e radicais estabelecem entre si.

Para o modelo proposto por Hacquard, há três tipos de eventos que podem hospedar a ancoragem de um modal, sendo eles eventos de a) fala, b) atitude e c) VP. Hacquard acredita que, ao tratar de eventos de avaliação, em vez de mundos possíveis, seja exequível rastrear o par tempo-indivíduo de uma única vez ao longo do mapeamento modal. Para a autora, um modal parece não estar ancorado apenas a um mundo possível, mas também justamente ao par indivíduo-tempo, embora nem todas essas relações diádicas possam ser sistematicamente atestadas.

Nos últimos dez anos, o *framework* de Semântica de Mundos Possíveis de base kratzeriana passou a assumir âncoras enquanto elemento central, seja como ferramenta na descrição da modalidade, seja como recurso explanatório acerca do status lógico-linguístico desse fenômeno. Kratzer, de fato, propõe a Hipótese da Âncora Modal, baseando-se na premissa de que a âncora de uma expressão modal consiste em um de seus argumentos, observando que âncoras que se tornam disponíveis em diferentes estágios da derivação sintática indiciam que há diferentes domínios de projeção modal.

Dada a dimensão do seu modelo e a notoriedade da contribuição de Kratzer, a sua interpretação acerca das âncoras tende a espriar-se com mais amplitude para além da instanciação da modalidade, rastreável de maneira quantificacional a partir de elementos outros além de verbos auxiliares. A partir da ótica kratzeriana, ao vincular-se o ancoramento não apenas a indivíduos e eventos, mas também a situações, qualquer tipo de expressão que contiver um desses elementos como argumento estará comprometida com o deslocamento modal; dada abrangência da semântica situacional, a modalidade então seria mapeável a partir de todas as coisas a que se pode fazer referência.

1 Uma vez que o trabalho de Hacquard encontra suporte na teoria kratzeriana, revendo apenas alguns de seus aspectos no sentido de reinterpretá-los mais adequadamente a uma metodologia lógico-formal por meio da ancoragem, é importante considerar a autenticidade do seu papel como autora vinculada a tal *framework*, permitindo assim uma atualização teórica que, contemporaneamente, se tornou vital para a Semântica. Apesar desse registro primário na literatura, em seu trabalho original, assim como em sua bibliografia subsequente, nenhuma definição sobre âncoras é oferecida, sendo abordada, antes, como uma ferramenta de concepção tácita.

A partir do trabalho de Hacquard, Kratzer passa a distinguir entre duas projeções modais, notadamente a projeção do domínio factual e a de conteúdo relacionado. Kratzer ilustra essa distinção ao demonstrar que duas sentenças como (1) e (2):<sup>2</sup>

- (1) O copo é frágil.
- (2) O copo pode quebrar facilmente.

não necessariamente significam o mesmo em um mundo de avaliação  $w'$ . O argumento de Kratzer está baseado nas diferentes projeções de domínio modal a partir das quais as duas âncoras são mapeadas. Os exemplos de (1) e (2) são adaptados a partir da história de David Lewis (1997), notadamente *The Sorcerer and the Glass*, segundo a qual um feiticeiro aprecia muito um copo frágil em particular, ainda que seja bastante semelhante a qualquer outro copo da mesma linha de produção; o feiticeiro não muda a natureza nem a disposição do copo, mas ele prevê que, caso o copo acabe sendo atingido, ele lhe lançará um feitiço, impedindo-o de quebrar, o que não torna o copo menos frágil, mas, ainda assim, torna-o difícil de ser quebrado; a disposição que distingue o valor-verdade de (1) do de (2) está na verdade relacionada ao feiticeiro, não ao copo em si. Segundo Kratzer, isso garantiria virtualmente que ambas as projeções modais seriam selecionadas e construídas a partir de alternativas modais bastante diferentes, de acordo com cada sentença.<sup>3</sup>

A Hipótese da Âncora Modal passa a dirigir um tópico de pesquisa de caráter muito espinhoso para a teoria semântica de modo geral, que é o caso de falas reportadas e atribuição de atitude. Esse intento parece ir na direção pela qual o trabalho kratzeriano há anos vem pautando suas premissas, buscando cobrir teoricamente o campo das investigações sobre como a gramática interage com uma ampla fonte de conhecimentos que são não linguísticos, bem como com conceitos não-lógicos privilegiados, tais quais tempo-espço, posse, causalidade, agência, etc. O trabalho de Kratzer consiste em um empreendimento arrojado que se dedica a mapear possibilidades a partir das estruturas mínimas da gramática, que autorizam, em hipótese, a organização de pensamentos mais complexos a partir de pensamentos mais simples.

A própria distinção das bases modais na teoria kratzeriana parece ter previsto essa distinção tipológica, conforme Kratzer estabelece haver uma base modal epistêmica e outra metafísica a partir das quais fundos conversacionais se tornam avaliáveis; ao passo que a gramática determina interpretações mais amplas, interpretações restritas parecem correlacionar-se com conhecimentos outros que não pertencem exclusivamente ao domínio da Faculdade da Linguagem, integrando à interpretação da modalidade aspectos como de que tipo de informação pode se constituir um sabor epistêmico, com o que um curso normal de eventos se parece, como categorias de cooperação interagem relevantemente com a semântica etc.

<sup>2</sup> Adaptados para o português brasileiro (PB) por meio de tradução livre.

<sup>3</sup> Enquanto (1) consiste em uma interpretação factual a partir do mundo atual, neste caso uma asserção acerca da disposição do copo, (2) deve considerar circunstâncias extraordinárias na avaliação de seu valor-verdade, de modo que o conteúdo relacionado a partir desse domínio modal impede que (2) seja verdadeira, ainda que (1) o seja.

Em termos amplos, esta é a agenda kratzeriana na contemporaneidade, mapeando possibilidades a partir de âncoras, tidas como pontos de referência localizados ao longo da espinha da derivação sintática, as quais podem ser hospedadas via particulares, como eventos, indivíduos ou situações. Paralelamente, trabalhos anteriores, como os de Condoravdi (2001), Arregui (2007, 2009) e Laca (2014), sugerem ou explicitamente indicam que âncoras também são hospedadas no domínio de TP; o trabalho de Kratzer, de uma maneira geral, vem estabelecendo uma relação bastante explícita entre modais e partículas hospedadas na periferia esquerda da sentença, como é o caso de evidenciais (AIKHENVALD, 2003, 2004; MATTHEWSON; RULLMANN; DAVIS, 2007; FALLER, 2012) mas também estipulando que projeções de domínio modal podem se dar por meio de falas reportadas, que também indiciam um rastreamento evidencial (KRATZER; OLIVEIRA; PESSOTTO, 2014).

Isto parece ser o suficiente para sugerir a relevância das âncoras enquanto elementos descritivo-explanatórios que permitem uma relação entre a gramática e a semântica da linguagem natural, instanciável em princípio a partir das mais variadas categorias de TAME.<sup>4</sup>

## 2 MAPEANDO ÂNCORAS: DESLOCAMENTO E *ABOUTNESS*

Na seção anterior houve uma exposição muito breve acerca de como as âncoras enquanto elementos relevantes ao mapeamento da modalidade surgem na literatura, inseridas no bojo da teoria Semântica de Mundos Possíveis kratzeriana. A presente seção se dispõe a correlacionar duas propriedades de caráter também semântico ao fenômeno de ancoragem, notadamente o deslocamento e o *aboutness*; será possível observar que, apesar de o deslocamento ser assumido na literatura como propriedade correlata à ancoragem, este trabalho se presta a explicitamente estabelecer essa relação; o *aboutness*, por sua vez, é uma propriedade que, neste trabalho, se assume como igualmente correlacionada às duas anteriores, embora nenhum registro na literatura tenha atestado tal aproximação teórica até então.

A noção de deslocamento, associada à linguagem natural, é registrada primeiro na literatura por meio de Hockett (1960), versando sobre essa propriedade que permite ao falante referir-se para além do aqui e do agora. Com efeito, o deslocamento é assumido como uma propriedade inerente ao fundamento da Semântica de Mundos Possíveis, dado o próprio aporte de mundos de avaliação projetados a partir da relação de acessibilidade. As categorias de TAME, na verdade, operam como uma espécie de aporte estrutural para se instanciar propriedades como o deslocamento. De acordo com Fintel e Heim (2010), é por meio da modalidade que um falante é capaz de significar coisas para além da própria realidade, caracterização recorrente no trabalho dos autores em semântica intensional; a partir desse pressuposto, o deslocamento seria o que precisamente opera a avaliação de dimensões espaço-temporais alternativas.

<sup>4</sup> Acrônimo para *tense*, aspecto, modo, evidencialidade/eventologia.

O *aboutness*, por sua vez, estabelece uma relação indireta com o modelo de Semântica de Mundos Possíveis por meio das interfaces que ultimamente têm sido estabelecidas entre este modelo teórico e a Sintaxe Cartográfica. No cenário sintaticista, Rizzi (2005, 2006, 2015) tem argumentado ao longo dos últimos anos que a propriedade de *aboutness* é de fato um argumento “sobre o qual” o evento denotado pelo predicado indicia sua referência, especialmente por meio de uma posição de sujeito realizada no alto da derivação, precisamente acima do IP. Segundo ele, existem alguns fenômenos sintáticos, como passivização, que são desencadeados pelo *aboutness*, com finalidade semântica ou fonológica em interação com a gramática.

A fim de solucionar um impasse na literatura promovido por Karttunen (1972) e von Stechow (2000), Kratzer (2018) atualiza o mesmo problema abordado a partir de (1) e (2), agora ilustrado por meio das sentenças (3) e (4):<sup>5</sup>

- (3) Deve haver uma torneira pingando.  
 (4) Há uma torneira pingando.

ao argumentar que as projeções modais são aquilo que torna possível, em dois mundos de avaliação distintos, tanto (3) > (4) ser verdadeiro em um quanto (4) > (3) ser verdadeiro em outro.<sup>6</sup> A maneira a partir da qual Kratzer concilia esses dois cenários repousa precisamente sobre as âncoras a partir das quais se dão cada uma das projeções modais: supondo-se que âncora esteja hospedada sobre o evento da torneira pingando em si, (4) realmente acarretaria (3), uma vez que, em todos os mundos compatíveis com operador existencial sobre uma torneira pingando, deve haver uma torneira pingando; ao se supor que a âncora esteja hospedada na evidência fornecida pelo hidrômetro de que, por exemplo a conta de água registrou consumo ostensivamente acima da média, então (3) acarretaria (4), uma vez que para todos os mundos compatíveis com a evidência de (3) há uma torneira pingando.<sup>7</sup>

Ilustrado por meio de qualquer dupla de exemplos de (1) a (4), o caso da ancoragem parece recrutar elementos muito particulares disponíveis e acessíveis para uma leitura semântica da Faculdade da Linguagem. Conforme Kratzer argumenta, parece que a gramática oferece fórmulas fixas para instanciar propriedades lógicas e não-lógicas de significado, as quais precisam de alguma maneira ser associadas a tais fórmulas. As âncoras, portanto, parecem operar como uma espécie de hospedagem na gramática para entradas lexicais exercer sua referência intensional, conectando-se com outras instâncias da cognição humana, conceitos não-lógicos privilegiados e conhecimentos outros além da esfera linguística.

<sup>5</sup> Adaptados para o PB por meio de tradução livre.

<sup>6</sup> Karttunen argumenta que (4) > (3), ao que von Stechow e Gilles replicam que, ao contrário, por acarretamento, na verdade (3) > (4). Kratzer acredita que uma proposta baseada na Hipótese da Âncora Modal permitiria que ambos os argumentos estivessem adequados de acordo com a perspectiva da base modal de que cada uma das avaliações parte.

<sup>7</sup> Para uma análise um pouco mais crítica, profunda e com a devida notação da forma lógica, consultar Oliveira (2019).

As propriedades de *aboutness* e deslocamento parecem integrar conjuntamente o processo de ancoragem a essa relação, devido ao seu caráter predisposicional para a referência e endógeno para a intensão.

Observando-se (5):<sup>8</sup>

(5) Muitas crianças podem jogar esse jogo.

conforme Kratzer (2013) argumenta, majoritariamente duas interpretações se seguem, sendo:

(5a) Há muitas crianças que são capazes de jogar esse jogo (é um jogo fácil).

(5b) Este jogo pode ser jogado por muitas crianças (é um jogo capaz de acomodar muitos participantes).

ambas ilustrando o fato de que operadores modais apresentam proposições como argumentos. O que Kratzer não menciona, e que parece estar explícito nas leituras de (5a) e (5b), é que a aparente perda ou mudança de sujeito engatilha, na verdade, o mecanismo de *aboutness* conforme Rizzi introduz na literatura, o que, neste caso, seria um traço rastreável por meio de movimento, sobretudo devido ao fato de que âncoras sendo hospedadas como fórmulas fixas consiste em um indício de que posições sintáticas se relacionam com a determinação de sabores modais específicos.

De maneira similar, a propriedade de deslocamento parece também encontrar algumas restrições na gramática, embora, segundo Kratzer, a maquinaria sintática não tenha o poder de gerar nem afetar diretamente domínios modais, manipulando ou restringindo as âncoras em vez disso. Considerem-se (6) e (7):<sup>9</sup>

(6) Não pode ter chovido noite passada (não há poças na calçada agora de manhã).

(7) Não poderia ter chovido noite passada (um cume de alta pressão manteve todas as nuvens causadoras de precipitação fora da área).

para se observar que ambos os modais estão sendo rastreados a partir de níveis diferentes, notadamente acima de TP em (6) e abaixo em (7), neste caso submetendo-se à flexão no domínio do modal, de modo que, enquanto este é um modal de raiz, aquele representa um modal ancorado a partir de uma leitura epistêmica. O que interessa aqui é a interação justamente que a âncora medeia entre a temporalidade e o estado de coisas expresso por cada um dos modais, no sentido de que o deslocamento exigido para a avaliação e interpretação de (6) difere daquele checado em (7): os fundos conversacionais subscritos dos quais os domínios modais são projetados diferem, o que inclusive aparentemente afeta o tipo de evidência que se apresenta para sustentar o prejacente.<sup>10</sup>

8 Adaptado para o PB por meio de tradução livre.

9 Adaptado para o PB por meio de tradução livre.

10 Para um trabalho acerca da interação tempo/modalidade a partir de dados do PB, consultar Ferreira (2020).

Posta essa relação, aparentemente autorizada por fórmulas fixas da gramática para hospedar elementos conceituais não-lógicos e privilegiados, representados por meio das âncoras, na seção seguinte as propriedades de deslocamento e *aboutness* se prestam a um papel específico no que diz respeito a dois fenômenos típicos da linguagem natural: operadores-monstros<sup>11</sup> e atitudes proposicionais<sup>12</sup>.

### 3 PARA ONDE VÃO AS ÂNCORAS

Tratando-se de um *squib*, o presente trabalho não se compromete com nenhuma resolução teórico-metodológica emergente diante do tópico abordado; cabe, antes, a este trabalho apontar alguns desdobramentos e perspectivas exequíveis a partir dessa agenda em teoria e análise linguística.

Âncoras selecionam particulares, e não proposições, e, em princípio, como situações são particulares e correspondem a um estado de coisas, a modalidade estaria presente em todos os mapeamentos de avaliação (KRATZER, 2013). Na proposta de Hacquard (2006), eventos de atitude são reservados aos detentores atitudinais nos quais a âncora é hospedada para avaliar o conjunto de crenças ou conhecimento detido pelo falante.

Laca (2014) caracteriza como “ancoragem dupla” casos pertencentes ao domínio de leitura de duplo acesso devido ao encaixamento de verbos de atitude proposicional em relação à flexão da sentença matriz e ao tempo de enunciação; esse tipo de fenômeno não parece se restringir ao mapeamento só da relação sintaxe/semântica do IP, haja vista que Hacquard argumenta que âncoras são mapeadas via modalidade a partir de relações entre proposições e tempos e pessoas, além de apenas mundos possíveis. A abrangência desse fenômeno, pelo menos no português brasileiro, parece espalhar-se para além dos casos de atitudes proposicionais, repercutindo também em operadores-monstros, que são suscetíveis a ocorrer em domínio de tempo e de pessoa. O que interessa, sobretudo, dado esse escopo, é o fato de que, sendo conforme Kratzer sustenta, âncoras podem ser mapeadas a partir de situações, o que torna o objeto de estudo ainda mais intrigante.

Considere-se (8):<sup>13</sup>

(8) #Dez meses atrás Pedro disse que Maria está grávida.

exemplo segundo o qual, para Laca (2014), tomando por base a proposta de Condoravdi (2001), tem sua estranheza atestada por meio do duplo acesso de leitura providenciado

11 Sobre operadores-monstros, originalmente é recomendável consultar Kaplan (1989); sobre uma visão crítica acerca da definição de Kaplan para operadores-monstros e análise de dados do PB acerca do fenômeno recomenda-se Teixeira e Basso (2015)

12 Sobre atitudes proposicionais, é recomendável consultar Cresswell (1985), para uma abordagem fregeana reinterpretada a partir dos moldes nocionais da Semântica Formal moderna. Para uma perspectiva formalista e naturalista, afeita a este trabalho, o *framework* de Kratzer (2018) é recomendado.

13 Adaptado para o PB por meio de tradução livre.



pela flexão de presente encaixada em um verbo de atitude proposicional flexionado no passado; o que Laca não torna explícito é que a estranheza expressa por (8) se deriva do fato de que a âncora em verbos de atitude proposicional advém do tempo da sentença matriz, a qual está sendo adverbialmente modificada por meio de um operador temporal, interferindo na âncora contextual projetada a partir do evento denotado pela atitude proposicional; o que ocorre, além disso, em (8), é que o operador temporal tem o mesmo escopo compartilhado pelo tempo de enunciação, diferindo na sua orientação, o que, por sua vez, gera um monstro.

De maneira similar, uma sentença como (9):

(9) Jorge sempre diz que volta amanhã.

é tanto gramatical quanto aceitável em PB. Neste caso, o operador temporal indiciado por “sempre” não apresenta o mesmo escopo de “amanhã”, mas, em termos composicionais, as expressões parecem gerar problemas de interpretação. Este é um aspecto bastante curioso do ponto de vista de análise, porque parece fazer jus aos conceitos de caráter e conteúdo, propalados por Kaplan (1989), atualizados sob uma ótica teórica kratzeriana: neste caso, o conteúdo dos advérbios não é equivalente, pois cada um seleciona mundos possíveis diferentes a partir dos quais o falante se desloca, mas o seu caráter, no contexto, parece ser sensível à ancoragem e ao aboutness. Isso provavelmente se dá por haver um conflito entre o tempo de proferimento reportado pelo verbo de atitude e o tempo de avaliação, que seleciona o deslocamento provido pela âncora hospedada em “amanhã” como de interpretação genérica.

Diferentemente das âncoras temporais, âncoras em domínio de pessoa, no contexto de atitudes proposicionais e operadores-monstros, podem gerar dados estranhos em princípio, conforme se apresenta a seguir. Esses dados, contudo, parecem ser muito produtivos na linguagem natural, gerando dúvidas para o falante *naïve*. Considere-se (10):

(10) Paulo<sub>i</sub> acha que Marina<sub>i</sub> poderia ser bem mais feliz.

para examinar que um índice de traço co-referencial conecta os nomes próprios de Paulo e Marina. Sabe-se notoriamente que nomes próprios são assumidos como designadores-rígidos por Kripke (1980), e não se pretende aqui incitar quaisquer discussões de base filosófica em torno desse tópico de peso. Entretanto, a única interpretação aceitável para (10) consiste naquela cujo contexto providencie uma âncora hospedada no tempo de enunciação, compatível com o tempo denotado pelo detentor da crença, neste caso Paulo, e outra âncora mapeada no mundo de avaliação projetado a partir do modal, neste caso encaixado pelo verbo de atitude proposicional; nesse contexto, Paulo estaria projetando sua identidade, do tempo e mundo atuais, para um mundo de avaliação, cuja âncora está hospedada no futuro, em que Maria, e não Paulo, dispusesse de um determinado conjunto de circunstâncias, notadamente a de ser mais feliz; tendo-se o mesmo índice para os dois referentes, interpreta-se que Paulo estaria referindo-se a si mesmo projetado em um futuro em que ele tivesse outra identidade, e no caso outro gênero também.



Esse tipo de exemplo tem sido muito produtivo em casos em que a perspectiva temporal, em relação à âncora contextual, está dirigida para o passado, e não para o futuro, sobretudo devido ao fato de que a projeção modal parece partir do domínio factual, enquanto casos como (11) parecem ser projetados do que Kratzer caracteriza como conteúdo relacionado: é o que Paulo pensa e planeja para si mesmo no futuro, ou, antes, simplesmente acredita. Ainda não se sabe como os traços- $\Phi$  podem ou devem se comportar nesses contextos.

Esse tipo de recorte temático expõe o que Kratzer caracteriza como o tendão de Aquiles da semântica, sendo, paralelamente, o que permite uma ponte entre os estudos formalistas de teoria e análise linguística e o potencial de aplicação oferecido por objetos tipicamente mais afeitos a distintas abordagens do significado. Ademais, a ampla gama de fenômenos possivelmente acessível por meio da Hipótese da Âncora Modal aponta para uma nova agenda de abordagem para o formalismo, investindo tanto na descrição linguística quanto na explanação a partir das interfaces com a Psicologia Cognitiva, a Filosofia Analítica, a Comunicação e a Computação etc. De maneira geral, ainda não se sabe tudo, afinal, sobre o que a semântica da linguagem natural pode fazer referência, mas se espera que lá sempre haja um porto para que suas âncoras possam se hospedar.

## REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. Evidentiality in typological perspective. *In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (ed.). Studies in evidentiality. Typological studies in language. v. 54. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2003. p. 1-33.*

AIKHENVALD, A. Y. *Evidentiality*. Oxford: Oxford University Press, 2004.

ARREGUI, A. When aspect matters: the case of “would” conditionals. *Natural Language Semantics*, v. 15, p. 221-264, 2007.

ARREGUI, A. On similarity in counterfactuals. *Linguistics and Philosophy*, v. 32, n. 3, p. 245-278. 2009.

CONDORAVDI, C. Temporal interpretation of modals. BEAVER, D. *et al.* (ed.). *Stanford Papers in Semantics*, CSLI Publications, Palo Alto, p. 59-88, 2001.

CRESSWELL, M. J. *Structured meanings: the semantics of propositional attitudes*. Cambridge: Bradford, 1985.

FALLER, M. Evidential Scalar Implicatures. *Linguistics and Philosophy*, v. 35, p. 285-312, 2012.

FERREIRA, M. Alçamento temporal em complementos infinitivos do português. *Cadernos De Estudos Lingüísticos*, v. 62, 2020.

HACQUARD, V. Aspects of Modality. Ph.D. Dissertation. Massachusetts Institute of Technology, 2006.

KAPLAN, D. Demonstratives: An Essay on the Semantics, Logic, Metaphysics, and Epistemology of Demonstratives and Other Indexicals. *In: ALMOG, J.; PERRY, J.; WETTSTEIN, H. (ed.). Themes from Kaplan*. New York: Oxford University Press, 1989. p. 481-563.

KARTTUNEN, L. Possible and must. KIMBALL, J. (ed.). *Syntax and Semantics*, v. 1. Cambridge: Academic Press, 1972.

KRATZER, A. What “must” and “can” Must and Can Mean. *Linguistics and Philosophy*, p. 337-355, 1977.

KRATZER, A. The notional category of modality. *In: EIKMEYER, H. J.; RIESER, H. (ed.). Worlds, Words, and Contexts*. Berlín: de Gruyter, 1981. p. 38-74.

KRATZER, A. Modality. *In: von STECHOW, A.; WUNDERLICH, D. (ed.). Semantics: An International Handbook of Contemporary Research*, 1991. p. 639-650.

KRATZER, A. Modality for the 21st Century. *19th International Congress of Linguists*. Geneva, 2013. p. 181-201.

KRATZER, A. Where does modality come from? *3rd EISSI* (lecture). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

KRATZER, A.; OLIVEIRA, R. P.; PESSOTTO, A. L. Talking about modality – an interview with Angelika Kratzer. *ReVEL*, especial issue 8, p. 8-20, 2014.

KRIPKE, S. *Naming and necessity*. Oxford: Basil Blackwell, 1980.

LACA, B. Epistemic modality and temporal anchoring. *ReVEL*, special issue 8, p. 76-105, 2014.

LEWIS, D. Finkish Dispositions. *The Philosophical Quarterly*, v. 47, n. 187, p. 143-58, 1997.

MATTHEWSON, L.; RULLMANN, R.; DAVIS, H. Evidentials as Epistemic Modals: evidence from St'át'imcets. *The Linguistic Variation Yearbook* v. 7, p. 201-54, 2007.

OLIVEIRA, R. P. A study on the semantics of Portuguese imperfective modals in epistemic contexts. *Revista Letras*, Curitiba, UFPR, n. 99, p. 58-74, jan./jun. 2019.

RIZZI, L. On some properties of subjects and topics. In: BRUGÉ, L.; GIUSTI, G.; MUNARO, N., SCHWEIKERT, W.; TURANO, G. (ed.). *Proceedings of the XXX Incontro di Grammatica Generativa*, p. 203-224. Venezia: Cafoscarina, 2005.

RIZZI, L. On the form of chains: criterial positions and ECP effects. In: CHENG, L.; CORVER, N. (ed.). *On wh movement*. Cambridge, MA: MIT Press, 2006. p. 97-133.

RIZZI, L. Notes on labeling and subject positions. In: Di DOMENICO, E.; HAMANN, C.; MATTEINI, S. (ed.). *Structures, strategies and beyond – Studies in honour of Adriana Belletti*. Amsterdam: John Benjamins, 2015. p. 17-46.

TEIXEIRA, L. R.; BASSO, R. M. Definindo um operador-monstro. *Alfa*, n. 59, v. 2, p. 309-334, 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1504-4>. Acesso em: 01 jan. 2018.

von FINTEL, K.; HEIM, I. *Intensional Semantics*. Cambridge: MIT, 2010.

von FINTEL, K.; GILLIES, A. Must... Stay... Strong! *Natural Language Semantics*, v. 18, n. 4, p. 351-383, dez. 2010.

*Squib* recebido em 6 de abril de 2020.

*Squib* aceito em 4 de maio de 2020.